CURSO NACIONAL DE FORMAÇÃO

"Os amores na mente, as flores no chão, a certeza na frente, a história na mão
Caminhando e cantando e seguindo a canção
Aprendendo e ensinando uma nova lição..."

CADERNO DE TEXTOS

Brasília – 18 a 24 de março
2012

Olá Compas da ABEEF, ENEBIO e FEAB,

É com muita alegria que as nossas organizações se reunirão para aprimorar nossa formação política e debater questões importantes para o trabalho da organizações.
Nesses sete dias estaremos empenhados em compreender a realidade, fazendo um estudo do modelo econômico hegemônico no Brasil e a América Latina, através da análise do agronegócio. Faremos também o esforço de compreender melhor o território em que estamos inserido, a Universidade, sua história, sujeitos, função, conjuntura...
E como as nossas organizações veem no estudo uma ferramenta para qualificar nossa ação, o objetivo central do Curso Nacional de Formação é qualificar a militância das organizações para o trabalho de base e agitação e propaganda das nossas ideias e propostas....
Por último, é de fundamental importância que tragam em suas bagagens muita disposição e aminação para os debates, leituras, culturais... Afinal não é todo dia que temos a graça de reunir essa companheirada bonita da feabeefenebio
de todo os cantos desse nosso Brasil.

Abraços fraternos, CPP do CNF.

"— O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.
Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível
olhar para eles sem pestanejar, e quem chega perto se incendeia."

JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR....

...CONSTROI PODER POPULAR!!!!!!

TRABALHO DE BASE

CEPIS*

Trabalho de base não é uma receita mágica. É um jeito de fazer política onde o militante coloca sua alma. É uma paixão carregada de indignação contra qualquer injustiça, e cheia de ternura por todos que se dispõe a construir um mundo sem a marca da dominação. Essa convicção nasce do coração e da razão, torna-se força contagiante, capaz de vencer a fúria e a sedução da opressão e de comprometer-se com a transformação das pessoas e da sociedade.

Essa prática multiplicadora pode ser realizada nas favelas, nas ocupações de terra, nas fábricas, nas igrejas, nas instituições do Estado e nos espaços internacionais. Ela se sustenta quando mantém os pés no chão e a cabeça nos sonhos. Consegue vitórias quando articula as lutas econômicas com as diferentes lutas políticas e sociais. E perdura, em qualquer conjuntura, quando combina ações de rebeldia com as disputas na legalidade.

OBJETIVOS DO TRABALHO DE BASE

1°) **Participação massiva dos trabalhadores:** as elites não têm medo de lideranças que se destacam. Para elas é fácil isolar, destruir, "comprar" algumas cabeças que sobressaem. **Multiplicar militantes e ações** é que mete medo em todos aqueles que se acostumaram a dominar outras pessoas. Por isso, a prática de multiplicar novos combatentes, deve invadir todos os espaços da vida – trabalho, política, cultura, religião, lazer – e se tornar uma **rede de animação, de resistência e de vitórias.**

2°) **Democratização do poder:** participar do poder é ser capaz de fazer propostas, tomar decisões e repartir responsabilidades para concretizar o sonho dos trabalhadores. O trabalho de base, enquanto experiência de **uma nova convivência** entre pessoas, pode ser uma grande escola de participação política. O ato de falar e de ouvir, de propor e de negociar, de ganhar e de perder, de disputar e de decidir, de com-mandar e de obedecer, de responsabilizar-se e de cobrar – tudo isso estimula a ambição de ser gente e de ter o poder coletivamente. Deve ser a escola, onde se aprende a colocar o poder a serviço da maioria, visando as transformações que o país precisa.

3°) **Construção socialista:** a finalidade da luta é realizar o sonho do mundo novo, livre de todas as formas de opressão e com a possibilidade real de satisfazer os anseios materiais e espirituais das pessoas. Isto será possível quando a produção, a distribuição e o consumo forem feitos de forma solidária. Este projeto implica, desde agora, em uma nova relação entre os humanos e com a natureza, sem dominação, sem preconceitos e sem destruição.

A FINALIDADE DO TRABALHO DE BASE

a) **Anunciar sempre** que o ideal da humanidade é a prosperidade e a convivência solidária. E **combater** a ganância, a competição, a dominação. Quanto maior a opressão e a crise, maior a razão para **propagar o sonho da sociedade sem classes.**

b) **Despertar a dignidade** das pessoas e a **confiança** nos seus valores e no seu potencial. A pessoa se torna feliz e perigosa (para as elites), quando começa a **andar com os próprios pés.** Em geral, quem está no poder, prefere gente obediente e conformada, porque é fácil manipular uma população domesticada e dependente.

c) **Canalizar a rebeldia popular** na luta contra a injustiça e na construção de uma sociedade de *homens e mulheres novos*, onde a produção, distribuição e consumo, sejam orientados pela lógica da solidariedade.

d) **Transformar a realidade** e conseguir vitórias em todos os campos e em todas as dimensões, que satisfaçam os justos anseios da população.

A FORÇA DO TARBALHO DE BASE ESTÁ

a) **Na sua sustentação de base**: Não é um movimento *para* os trabalhadores. É dos trabalhadores. O povo deve se sentir parte dessa construção e companheiro da mesma caminhada.

b) **Na crença do povo**: a razão do trabalho de base é ajudar o povo a entender e se comprometer com a vida feliz e solidária. Mas sabe que esse povo já luta porque precisa sobreviver. O povo está sempre reagindo contra a exploração e a dominação.

c) **Na clareza** de que a organização popular, sendo uma parte, é **parte** para **incluir** todo o povo. Os dirigentes não são *guias geniais*, mas lideranças indispensáveis que ajudam o povo a entender a realidade e organizar os esforços, no rumo da transformação.

d) **Na coerência entre rumo e caminho**: A pessoa deve abraçar a causa, porque foi convencida de que ela é justa. O método que se pratica, deve ser coerente com os objetivos que se pregam.

e) **Na metodologia multiplicadora**: cada militante que se convence, assume o compromisso de mobilizar um time de novos companheiros.

f) **No planejamento das ações**: É indispensável traçar um caminho, capaz de levar à vitória. O planejamento enfrenta o medo de mexer no *comodismo* das pessoas e na *indisciplina* da prática espontaneísta.

g) **No amor pelo povo e pela vida**: o trabalho de base é mais que um trabalho profissional, feito por pessoas competentes. Ele tem um *segredo* que anima a *esperança* dos militantes, chegando à doação da própria vida. O valor da **vida**, a dignidade das **pessoas**, a **rebeldia** para a liberdade e a **fraternidade universal**, formam a base dessa *paixão* que invade a alma dos militantes e dá sentido à sua disposição e dedicação. No concreto, essa convicção se traduz no respeito ao povo, no carinho aos iniciantes, no cumprimento dos acertos coletivos, na capacidade de tomar iniciativas, na coragem de encarar os desafios, nos gestos de indignação, entusiasmo e celebração. O amor pelo povo e pela vida se expressa, de maneira plena, nas manifestações individuais e coletivas do **companheirismo**.

COMO FAZER TRABALHO DE BASE

Trabalho de Base é uma ação política transformadora, realizada por alguém, militante de uma organização popular, que, conhecendo a realidade de um território, desperta, organiza e acompanha sua população na solução dos problemas do cotidiano e liga essa luta a luta geral contra a opressão.

Qualquer militante que se disponha a entrar num processo de luta pela transformação social pode e deve fazer Trabalho de Base. Para isso, não existem "receitas". Mas, olhando várias experiências, é possível descobrir vários pontos em comum. Algumas tarefas, por exemplo, aparecem como indispensáveis e permanentes.

a) Conhecer os quatro cantos do território: conhecer é mais do que ter informações, ainda que necessárias. Conhecimento é aproximação, pelo contato direto e cotidiano. Nesse conhecimento da realidade, as informações vêm da observação, conversas, visitas, pesquisas. Conhecer e ser conhecido é não ser estranho – é um exercício que exige certa cumplicidade, aprendizado da linguagem, para favorecer a integração, a troca e a confiança. As informações indispensáveis são:

- as que tratam do território: a geografia, o jeito, a cultura, os costumes, os saberes, a população...

- as que tratam da economia: o número de trabalhadores, o tipo de trabalho, o volume da produção, a renda...
- as que mostram o social e o político: suas lideranças, personalidades, entidades e organizações a favor e contra o povo...
- as que indicam carências e potenciais: a situação social, os valores culturais e artísticos...
- as que revelam fantasias, como os sentimentos e os desejos, ainda que pareçam ingênuos ou reproduzidos.
- as que falam da resistência histórica, individual, grupal, espontânea, organizada, pacífica, violenta...

b) Descobrir sementes de militantes: mais importante que fazer grandes reuniões é descobrir pessoas insatisfeitas com disposição para mudanças, pensem além de sua família, sejam coerentes entre o que prometem e o que fazem, e sejam discretas. Pessoas que se destacam nesses critérios podem tornar-se referências, mais adiante.

c) Fazer ações concretas: os dados da realidade podem sugerir propostas concretas de ação. A militância tem que "sacar" o que o povo está a fim de fazer para realizar seus desejos; e a ação onde o grupo participa e a ação que está dentro da compreensão, momento e ritmo que o grupo suporta – jogo, festa, celebração, protesto, mutirão, disputa política... A militância tem a obrigação de apresentar propostas. Não pode impor, porque ações não assumidas geram acomodação e frustração. É decisivo que as primeiras ações dêem certo; para isso é necessária uma boa análise das possibilidades de vitória. Na luta, se ganha ou se perde. Mas é a vitória que anima a vontade de continuar. A derrota, logo no começo, aumenta o sentimento de fraqueza e impotência. Uma ação puxa outra, quando é preparada, e, depois de executada, é avaliada para ver os avanços e os recuos. Fazer ações e refletir sobre elas é a "escola" onde militância e povo se qualificam.

d)Organizar a base: organização é ferramenta para juntar pessoas, animar o processo de luta permanente e preparar novos companheiros. Em si mesma, a organização nunca pode tornar-se o centro da luta. O centro da luta é o movimento real da classe oprimida, na luta contra a opressão e construção da sociedade com novos homens e novas mulheres. Quando uma pessoa ou organização se acha mais importante que a luta ou agarra-se aos cargos e à fama, não raro, encontra um "comprador". Para evitar a corrupção política, financeira e moral, além do cultivo dos princípios, é necessária a renovação da militância. Outra "vacina" é fazer com que cada militante assuma uma tarefa na luta direta.

e) Formação política: a formação é uma necessidade de quem luta pela vida. Só o entusiasmo e a força são insuficientes para vencer o poder da opressão. A classe oprimida precisa juntar sua força e o seu pensamento para vencer a dominação. Precisa saber desmontar o sistema capitalista, descobrir as raízes da exploração e inventar respostas para os problemas que a afligem. Sem formação, a luta mais feroz não passa de uma luta espontânea contra os efeitos da exploração. Cada organização deve ter um programa de formação, que responda aos diversos níveis de consciência de sua base, militância e direção.

f) "Sair" do território: em toda parte, tem gente, organizada ou não, lutando contra a injustiça. O Trabalho de Base se fortalece quando une a luta imediata de seu território com a luta geral, nos níveis regional, nacional e internacional. Nessa "saída", a militância adquire experiência e habilidade; alarga seu horizonte e seus conhecimentos; observa outras pessoas e práticas de outras localidades. É desafiada a elevar seu nível de consciência e o ardor de sua fé socialista.

** O texto foi montado a partir de fragmentos de textos retirados de cartilhas do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiæ.*

MISTICA: PARTE DA VIDA E DA LUTA

Mística, suas formas diversas, seus significados e sua relação com a organização social e a militância.

Ademar Bogo

Nos últimos tempos os movimentos sociais passaram a usar a palavra mística como sinônimo de animação. Muitos até vêem a mística como uma sessão dentro da atividade política, como se ela fosse um momento apenas de encenação e pronto, daí em diante o encontro estaria liberado para "falar sério". Mas a mística é muito mais. Ela é a motivação que nos faz viver a causa até o fim. É aquela energia que temos e que não nos deixa dizer não, quando nos solicitam ajuda. É a vontade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo, de querer ajudar e realizar coisas que façam a luta ser vitoriosa.

Mas então, aquela apresentação que fazemos no início dos encontros, não é mística? É também. As pessoas que se envolvem na preparação querem expressar, através de uma mensagem, as razões pelas quais lutamos, criando, de forma imaginária, o mundo que queremos alcançar, para que os presentes vejam e se animem a ajudar a construir aquela ideia, aquele sonho.

Por isto a mística é fundamental para a vida e para a luta. Sem mística na vida cotidiana, perdemos a alegria, a vibração, o interesse e a motivação de viver. Sem mística na luta, perdemos a vontade, a combatividade, a criatividade e o amor pela causa.

Neste sentido, a mística se expressa de muitas maneiras. Cada militante, homem e mulher dão de si, aquilo que possuem como carisma, talentos ou habilidades, cooperando e oferecendo-se como elementos centrais do programa, sendo a parte física e mental da tática e da estratégia do programa.

Cada qual à sua maneira, vai se oferecendo para preencher espaços nem sempre previstos. Assim ocorre quando uma equipe prontifica-se a cozinhar os alimentos para o encontro. Outros dedicam-se a melhorar e ornamentar o ambiente. Um terceiro grupo, cuida da pauta. Mais um grupo cuida da segurança. Outros preparam a cerimônia de abertura e, assim, o encontro se transforma numa grande festa, uma confraternização de seres humanos que marcaram de se encontrar para pensar o que fazer de suas vidas e das vidas de tantos outros seres e espécies.

Neste pequeno texto, vamos aprofundar este assunto da mística para que tenhamos a mesma compreensão e assim possamos valorizar a sua importante contribuição para a transformação da realidade, por isto podemos dizer que precisamos para a luta ser vitoriosa de: força, ideias e mística.

O QUE SIGNIFICA A MÍSTICA

A palavra mística é a representação de mistério. Usa-se geralmente a palavra "mistério" para designar coisas inexplicáveis ou coisas indecifráveis, mas neste caso não é. Mistério para a mística é saber a razão porque na luta as coisas extraordinárias acontecem. Por que o ser humano tem a capacidade de ir tão longe na resistência? Por que desafiamos todas as forças e todos os limites, para que uma causa coletiva seja vitoriosa? Por que tomamos estranhos como aliados e os protegemos como se fossem parte de nós, simplesmente porque se identificaram como a nossa causa?

Embora a palavra Mysterión seja oriunda da língua grega , que descende de outra palavra múien, "quer dizer a busca de entender o que está escondido nas coisas", a mística é a procura de explicações e ao mesmo tempo o incentivo para viver o inexplicável. Na linguagem cotidiana poderíamos chamar este viver de heroísmo. Mas qual é a razão que faz mexer com a bravura para que um ser humano desenvolva atos heroicos? Ou seja,

podemos explicar o fato, mas não conseguimos explicar a motivação que levou alguém a realizá-lo.

Se buscarmos explicações, vamos entender a mística como manifestações nas atitudes de energias, persistências, vigor e reações positivas inexplicáveis do ponto de vista analítico. Ou seja, são reações que acontecem sem sabermos de onde se originam e nem porque se manifestam com maior intensidade em uns, e menos em outros. Para nós, mistério será sempre a dimensão de profundidade que tem as coisas. Contudo, a profundidade não se opõe ao conhecimento decifrável. Na vida e na luta, há coisas que se explicam por si só, outras nem mesmo a pesquisa consegue desvendar os seus segredos.

AS DIFERENTES INTERPRETAÇÕES DA MÍSTICA

Há diversas formas de ver e de explicar a vivência da mística. Para efeito metodológico vamos tomar três referências que tratam com outros conceitos o mesmo assunto.

a)O sentido religioso: nas religiões usa-se muito a mística e nelas se adota costumeiramente, mais o sentido de espiritualidade, devoção ao sagrado, compenetração e adoração às forças divinas que guardam o mistério da superioridade onipotente. Estas forças influem diretamente sobre o comportamento social e leva a praticar valores, como a solidariedade, justiça, companheirismo etc.

Pela via da religião podemos chegar a duas visões da mística: uma que se manifesta nos místicos, aqueles indivíduos que tem por opção a relação cotidiana com a divindade para explicar e solucionar os problemas sociais. É representante terreno deste espírito. Outra forma é a espiritualidade militante. Estes, pela força da fé apegam-se aos problemas sociais e buscam soluções pelas contradições. Querem a igualdade e a fraternidade entre as pessoas, mas buscam atacar as causas econômicas e políticas dos problemas. Passam por todas as dificuldades, prisões, torturas e não desistem.

Há exemplos diversos na história de lutadores que, motivados pela fé, transformaram a justiça em causa política e entregaram a vida para alcançar este fim. Nas lutas de milhares de camponeses, percebe-se que, junto com a rebeldia estão as crenças religiosas. São valores culturais que ajudam a fortalecer a luta de classes.

b) O sentido das ciências políticas: nas ciências políticas podemos encontrar algo próximo do que significa a mística, mas é tratado com outro nome que se chama CARISMA. Por esta visão, as pessoas agem porque, além da motivação, possuem características, habilidades e convicções. Morrem se preciso for para defenderem aquilo que acreditam. É uma forma diferente de perceber esta força estranha. O carisma também tem manifestações inexplicáveis e também é rodeado de mistérios. Por exemplo, por que alguém se mantém firme na luta e outros não? Por que uns tem habilidades naturais e não as usam como por exemplo, falar em público? Por que alguns militantes ao entrarem na política institucional não se corrompem e outros sim? Por que em alguns, destacam-se qualidades que os levam a serem as lideranças?

São manifestações que a ciência não explica na totalidade, por que algumas pessoas atraem mais que as outras? Muitas possuem a capacidade de chamar a atenção de seus ouvintes quando falam, que mal conseguem sentir o tempo passar? Já outros, ouvi-los é um grande sacrifício. É o carisma que se diferencia de um para outro, mas também pode ser entendido como algo inexplicável, razões especiais etc.

"As habilidades ou o carisma, que se destacam mais em uma pessoa do que em outra, escondem o mistério de saber fazer naturalmente, aquilo que, mesmo querendo, outros não conseguem".

Sendo assim, as diferenças das habilidades individuais ao invés de se constituírem em um problema, tornam-se grandes soluções, pois nos fazem encontrar um lugar na luta de classes para colaborar com ela. Nos ajuda também a perceber que a força está na coletividade e somente com ela conseguimos alcançar os grandes objetivos.

c) **O sentido filosófico e da valorização cultural**: aqui a mística é a própria existência. Nasce da vida, das formas de trabalhar, se organizar, conviver, lutar etc. Cada grupo social tem as suas manifestações culturais; uns são mais alegres, outros são mais contidos, mas todos vivem a memória de seus antepassados; desenvolvem valores e acreditam na continuidade da vida, por isso preservam o ambiente como o berço de todos os nascimentos.

Os movimentos sociais resgataram este sentido da mística e o trouxeram para a prática política. A luta de classes tornou-se um lugar de convivência, admiração e esforço coletivo. Lutar faz parte da existência como o trabalho ou a festa. Por isso é que, cantar na festa de aniversário e cantar na luta, nos enfrentamentos sangrentos, não há contradição. Encenar os problemas da vida e imaginar soluções, faz parte da capacidade misteriosa de cada ser humano, onde cada qual demonstra os sentimentos e as habilidades de seu jeito.

Acreditar no futuro é saber aliar-se no presente com aqueles que acreditam nas mesmas coisas para que este futuro não corra riscos. De qualquer forma, a mística é esta força calorosa que temos dentro de nós. Assim como o corpo precisa de uma certa temperatura para permanecer vivo, os sentimentos precisam de vigor, energia, para continuarem quentes. Quando alguém morre, sabemos que muda sua identidade porque seu corpo esfria. A mística é o calor que o ânimo precisa para continuar quente.

A MÍSTICA NA MILITÂNCIA

Olhar para alguém desanimado é o mesmo que querer jogar futebol e ver que a bola está vazia. O ar que está dentro da bola é quem a faz dar os saltos quando posta em movimento. A energia que está em cada militante, é a razão de seu ânimo. Sem energia revolucionária os poderosos triunfam sem esforço. Com energia na militância, os poderosos não triunfam nunca na totalidade, pois, mesmo nas derrotas, sempre resta uma chama acesa para iluminar o caminho da grande luta que será um dia vitoriosa em todos os lugares.

A militância é mais do que uma tarefa ou um cargo que assumimos na organização; é uma paixão. Por isso é que não importa o tipo de ação, pode ser uma atividade na produção que alguém faz, um combate na guerrilha, o preparo de um almoço para a reunião de base. O que move a força e a torna útil, é a paixão que cada um tem dentro de si. Os mercenários agem por dinheiro e por isso precisam trair o grupo a que pertencem, mas perecem facilmente, desanimam e desistem.

A paixão se torna convicção e, quanto mais se faz, mais se quer fazer. Quanto mais se entra na luta, mais se quer seguir em frente. É uma força que não deixa parar. Quem está apaixonado já não vive para si, mas para aquilo que se apaixona. Cuida-se, veste-se, prepara-se para encontrar-se com este motivo vivo e consciente que arranjou para si.

Militância é praticar a liberdade de forma apaixonada. É querer ser livre, mas não sozinhos. A busca da liberdade individual é uma aventura que termina mal. Um ser livre só se realiza se encontrar outro ser livre. Não pode haver felicidade, se no relacionamento, um é o senhor e o outro é o escravo. Se um é o patrão e o outro é o empregado. Se um é o dirigente e o outro é o dirigido. É por causa desta busca da igualdade que existe a militância. Todas as tarefas e funções são importantes. Quando vemos militantes

entregando a vida para que seja utilizada em favor do bem comum, estamos diante de pessoas de espírito superior.

SINAIS DA MÍSTICA

Vejamos pelo texto seguinte, como a mística passeia por todos os sentidos."Mística é um sentimento que passeia delicado e lento por dentro de nosso coração. Como se tivesse mãos, coloca o ânimo em cada pensamento. Mexe no comportamento, no jeito de andar, falar e sorrir; é a força que nos faz sentir, prazer e arrependimento. Quem tem mística está sempre crescendo. A cada dia sente-se renascendo nas coisas que vai realizando. Seja na base ou no comando, a mesma energia se manifesta, como a alegria em uma festa, instiga quem está participando.

Mas a mística não é só bondade, ás vezes se serve da ansiedade e angustia o corpo inteiro. Como uma chama no candeeiro que bebe o líquido que está dentro, provoca todos os talentos e esgota as capacidades. Desafia as habilidades para enfrentar certos apuros, nos cobra para sermos mais maduros diante dos acontecimentos.

As vezes se confunde com paciência, penetra fundo na consciência e nos convida a esperar. Nos pede para irmos devagar para não estragar tudo, mantém a emoção a flor do couro cabeludo e excita os olhos a chorar. Para alguns a mística é simples emoção, para outros é dedicação; depende da convicção que se tem com a causa objetiva. Manifesta-se de forma desigual, frágil quando é individual, forte quando é coletiva.

A diferença a se comparar, está na capacidade de sonhar. Embora alguns sonhem sem nada edificar, há os que vão os sonhos construindo. Os dois lados andam juntos e separados, são os ativos e os acomodados. Os primeiros sonham acordados, e os demais sonham estando dormindo. Assim fazem-se os edificadores; homens e mulheres em plena construção, que sentem, choram, vibram e correm, mesmo dispersos na mesma direção.

A mística empurra quem procura. Não deixa desanimar. Mesmo na exaustão de procurar ela incentiva a tentar mais uma vez. Até na hora que estamos desistindo, aparece e como a flor se abrindo, nos traz um sentimento de honradez. Com sua energia plena, nos diz que tudo vale a pena. A dúvida durante o caminhar é natural que exista. A mística nos faz acreditar que há outro lugar além deste que alcança a vista. Mas, cuidado, a mística também pode morrer, é só deixar de crer, de gostar e de querer. Vive em nós enquanto há ânimo e curiosidade, como para ver nascimento. Faz-nos sentir que o tempo passa lento quando temos pressa, ou rápido demais quando está boa a conversa. Querer ficar e ir ao mesmo instante; estar próximos e em seguida bem distantes, mantendo sempre a lealdade na saudade submersa.

Mística não é um teatro, é atitude! Mantém a energia da juventude, mesmo quando envelhecemos por fora. É como o tempo que ultrapassa as horas e desrespeita a lógica dos ponteiros. Ela é a razão que nos faz ser herdeiros e herdeiras, de sonhadores que nunca foram embora.

Sem mística pode-se andar, dar passos, mas nunca sentir o prazer de um forte abraço; porque, é certo, real e verdadeiro que, para andar sozinhos basta ter duas pernas, para lutar e amar precisa dispor do corpo inteiro. A mística enfim é uma força crítica, que nos ajuda na prática política a garantir o rumo e a unidade. Mas, de nada vale querer o socialismo, se não cultivarmos o companheirismo, a alegria e a afetividade".

O COMPROMISSO DA MÍSTICA

O ser humano além de todas as suas características, é altamente apaixonado. E por ser apaixonado, um ser que sofre e se sacrifica conscientemente para modificar o rumo dos

acontecimentos. Isto porque, o ser humano é dotado de uma capacidade superior a dos animais. Ele tem a imaginação como força especial que o move para frente. "O que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele consegue figura na mente a sua construção antes de transformá-la em realidade". De imediato podemos concluir que: **a)** O ser humano pode prever o que irá produzir; **b)** Fazer é antes figurar na mente com responsabilidade o objetivo que nos propomos a construir; **c)** As diferentes imaginações levam a diferentes fazeres por isto é importante respeitar princípios e programas; **d)** Entre os seres humanos, os fazeres são diferentes porque os interesses e as motivações são diferentes.

Isto nos diz que, na luta de classes, as habilidades individuais podem ser diferentes, mas os interesses e objetivos devem ser únicos, para que a luta contra os inimigos seja vitoriosa. Por isto dizemos que, as motivações devem estar voltadas para a causa. Mas as motivações podem ser diferentes, depende do projeto e dos seus condutores. Se não vejamos:

1 – Motivações condicionadas

O que condiciona o comportamento social é a estrutura da própria sociedade. Cotidianamente somos movidos por uma força estranha que está fora de nós, a qual Marx chamou de FETICHE. Este nada mais é que a personificação das mercadorias ou a coisificação das pessoas que ficam "enfeitiçadas" ou temerosas diante das mercadorias ou instituições.

Você já se perguntou por que vemos as instituições do Estado e nos submetemos a elas como se por si só tivessem uma força de controle? Por exemplo: o que sentimos quando passamos por uma delegacia, uma igreja, uma escola, um hospital, um cemitério, um mercado, uma propriedade rural? Propositalmente estas motivações já estão orientadas para serem assim em cada ser social, isto porque:

a - Pensamos sobre o pensado. As estruturas já foram pensadas para serem assim. Cabe, no dizer da ordem, respeitá-las como são.

b - Quem determina quem somos e como devemos agir, é a força principalmente do capital. Através dele se estabelece a divisão social do trabalho, dando nome e profissão aos diferentes fazeres. Assim, alguém pode ser o José, mas passa a ser conhecido, devido o ofício, de pedreiro. A função social nos condiciona a pensar e a sermos pelo que fazemos; assim o lixeiro "não pensa". Professor não carrega lixo, nem varre a rua.

c - As funções sociais se orientam pela moral social e levam a determinados comportamentos sociais que reforçam o machismo, o preconceito, o centralismo etc.

2 - Motivações de mudanças

As motivações para as mudanças sociais alimentam-se da causa crítica que temos. A causa por sua vez torna-se consciência na medida em que vamos edificando o projeto. Há momentos em que as causas perdem o sentido porque estagnamos na consciência. Deixamos de acrescentar conteúdo e as contradições vão desaparecendo das análises. A mística precisa da causa e da consciência. Sem elas não há compromissos. Não há razão de lutar. Não há permanência de projeto. Não há persistência das práticas. Também não haverá coerência nos comportamentos.

Motivar é incendiar as consciências com o fogo da revolução. É pôr vigor nas ações para que elas sejam maiores que a própria força. Cada momento precisa ser motivado. A história da humanidade é feita de saltos de quantidade e qualidade. Às vezes estes saltos levam séculos para acontecerem. Mas ninguém luta em vão. As forças revolucionárias têm

a função histórica de espalhar sementes. As colheitas podem ser feitas pelas gerações que vêm depois. O ciclo da vida individual é muito curto para querer plantar e colher ao mesmo tempo as revoluções. Quando estas acontecem, com certeza, foram iniciadas por gerações antecedentes.

A motivação é a vontade de viver outro momento fora do qual vivemos. Viver para além de si. Viver outro tempo. Queremos sempre fazer parte do futuro, mesmo que pareça tão distante. Quando o tempo demora a trazer as realizações, a única maneira de fazermos parte do futuro é fazermos bem feito no presente, para que, aquelas gerações que lá viverem tenham saudade do passado vivido por nós.

Como conclusão podemos dizer que a mística é esperança. Apesar das contradições algo será parecido com aquilo que imaginamos no futuro. Quem luta deixa através das impressões digitais, os seus desejos não realizados, para as gerações que vem. Neste sentido, a esperança é mais do que um sentimento é uma causa a ser construída. Cada grupo, cada classe, cada povo a seu modo, em cada tempo, faz a sua parte. A parte que nos cabe é viver e fazer neste tempo aquilo que dará condições de vida para as gerações futuras. Vivemos a serviço delas. Que elas não se envergonhem de nós, mas, ao contrário, exaltem no futuro, com alegria as gerações passadas, que preparam com amor o lugar onde deveriam viver seus descendentes.

AMÉRICA LATINA PARA ALÉM DOS DADOS

Roberta Traspadini

Segundo a Cepal, somos 594 milhões de latinoamericanos. Em nosso fértil território com profundas possibilidades de inclusão e de pertença, vivem 183 milhões de pobres e 74 milhões de indigentes, fruto do histórico modo de produção capitalista. Na divisão por idade somos compostos por uma maioria jovem: 27,3% (até 14 anos); 33,6% (15 a 34 anos), 19% (35 a 49), 11,8% (50 a 64 anos), e 8,3% com 65 anos para cima.

Temos uma população economicamente ativa (PEA) de quase 277 milhões, dos quais 164 milhões são homens e 113 são mulheres. Nos últimos anos, aumentou no continente o emprego formal (51%), frente à queda no índice de desemprego (em 2000 era de 10,4%, em 2010 caiu para 7,6%). Com uma população urbana de 79,3%, uma taxa de analfabetismo de 8,3% na população acima de 15 anos, e uma taxa de fecundidade de 2,3 filhos por casa ao longo dos anos 2000, a América Latina, vai traçando hoje o que será a ordem do dia da produção de vida de amanhã.

1. Questão social e educação: 1) os 20% mais ricos se apropriam 19,3 vezes a mais da riqueza e da renda no continente, em comparação aos 20% mais pobres; 2) dos jovens entre 25 a 29 anos, apenas 8,3% concluíram o terceiro grau. Na comparação entre jovens ricos e pobres, apenas um jovem pobre consegue concluir o 3o grau, em comparação a 27 jovens de melhor poder aquisitivo que terminam. A situação das jovens mulheres latinoamericanas de 15 a 29 anos, é ainda mais complexa. Enquanto 80% das jovens com maior renda participam do mercado de trabalho formal no continente, menos de 50% das jovens pobres conseguem estabelecer vínculos formais. O gasto público com educação é de 5% do PIB e o total de estudantes públicos na região é de 91 milhões no ensino fundamental e médio, em contraposição a 19 milhões em escolas particulares.

2. O que os dados não mostram: os resultados do período neoliberal são catastróficos. A aparente melhoria de vida encobre a essência do endividamento e da nova forma do capital apostar nos seus ganhos sem fronteiras, utilizando para isto as políticas públicas para revigorar seus ganhos. A corrida do grande capital tem gerado uma forma de fazer política

cujo conteúdo histórico segue o mesmo: a apropriação privada da riqueza e da renda advinda da exploração do trabalho em solo latino-americano. Por um lado, os trabalhadores são induzidos a uma nova lógica de consumo e, para produzirem sua sobrevivência com base numa gama de necessidades técnico-científicas oriundas da produção dos países centrais, entram no caminho sem volta do endividamento pessoal. Por outro lado, o capital industrial dá passo atrás e retoma a histórica participação latina de produtora de bens primários para abastecer os países centrais.

Os latino-americanos transformam-se assim, desde a infância, em consumidores dos atuais bens vendidos como de primeira necessidade – celulares, computadores, vários mps, entre outros. Para isto, precisam ser primeiro consumidores de crédito para depois adquirir tais bens. O endividamento familiar torna-se peça chave da inclusão nessa sociedade na qual os latinos trabalham, mas que não os permite consumir o básico necessário com o salário que ganham. A educação precária torna-se regra da operação do capital no continente, tanto no que tange à remuneração e contratação dos professores, quanto ao conteúdo das disciplinas formais lecionadas.

A educação formal para o consumo e não necessariamente o trabalho formal, empobrece a compreensão de totalidade da jovem futura classe trabalhadora e reforça o palco fértil para a consolidação da alienação como requisito básico de venda de bens importantes mas não necessariamente vitais.

Nessa linha, o desenvolvimento como sinônimo de consumo, modernidade e tecnologia ganha mais força do que nunca e entra na mentalidade da classe que vive do trabalho como algo natural em vez de construído historicamente. O cenário latinoamericano necessita de políticas públicas de Estado que promovam mudanças substantivas no que diz respeito à tomada do poder e da orientação sobre a prioridade do pacto social no continente, com primazia para a centralidade do trabalho e da educação.

Além disto, requer que a política de integração crie condições para que a prioridade dos sujeitos coloque limites à soberania dos mercados liderados pelo capital (inter)nacional. A integração dos povos necessita modificar o histórico caminho no continente em que desenvolvimento e dependência aparecem como constitutivos do sentido do trabalho alienado. Necessitamos com urgência de uma política de Estado de transição que coloque na trilha as modificações estruturais que reorientem o sentido do trabalho, da socialização da produção, da riqueza e da renda no território. Caso contrário, a melhoria dos dados permanecerá como sinônimo de uma conta maior a ser paga pelo trabalho.

Reflexões sobre as tendências do capital na agricultura e os desafios do Movimento Camponês da América Latina*

João Pedro Stédile

Os movimentos do capital na atual fase hegemonizada pelo capital financeiro e de nível internacional.

O desenvolvimento do modo de produção capitalista passou por várias fases. Iniciou no século XV como capitalismo mercantil, depois evoluiu para o capitalismo industrial no século XVIII e XIX. No século XX se desenvolveu como capitalismo monopolista e imperialista. Nas últimas duas décadas estamos vivenciando uma nova fase do capitalismo, agora dominada pelo capital financeiro globalizado. Essa fase significa que a acumulação do capital, das riquezas se concentra basicamente na esfera do capital financeiro. Mas esse capital financeiro precisa controlar a produção das mercadorias (na indústria, nos minérios e agricultura) e controlar o comercio a nível mundial, para poder apoderar-se da mais-valia produzida pelos trabalhadores agrícolas em geral. O capital financeiro internacionalizado passou a controlar a agricultura através de vários mecanismos.

a) O primeiro deles, é que através do excedente de capital financeiro, os bancos passaram a comprar ações de centenas de médias e grandes empresas que atuavam em diferentes setores relacionados com a agricultura. E, a partir do controle da maior parte das ações, promoveu então um processo de concentração das empresas que atuavam sobre a agricultura. Em poucos anos, essas empresas tiveram seu um crescimento fantástico de capital pelo investimento feito pelo capital financeiro, passaram a controlar os mais diferentes setores relacionados com a agricultura, como: comércio, produção de insumos em geral, máquinas agrícolas, agroindústrias,medicamentos, agrotóxicos, ferramentas etc.. É importante compreender que foi um capital acumulado fora da agricultura, mas que aplicado sobre ela, aumentou rapidamente a velocidade do processo de crescimento e concentração, que pelas vias naturais de acumulação de riqueza das mercadorias agrícolas, levaria anos...

b) O segundo mecanismo de controle foi através do processo de dolarização da economia mundial. Isso permitiu que as empresas se aproveitasse de taxas de cambio favoráveis e entrassem nas economias nacionais e pudessem comprar facilmente empresas e dominar os mercados produtores e o comércio de produtos agrícolas.

c) O terceiro mecanismo foi obtido através das regras do livre comércio impostas pelos organismos internacionais, como a Organização mundial do Comércio - OMC, Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional e acordos multilaterais, que normatizaram o comercio de produtos agrícolas de acordo com os interesses das grandes empresas, e obrigaram os governos servis, a liberalizarem o comercio desses produtos. Com isso, as empresas transnacionais puderem entrar nos países e controlar o mercado nacional dos produtos e insumos agrícolas em praticamente todo mundo.

d) O quarto mecanismo foi o crédito bancário. Em praticamente todos os países o desenvolvimento da produção agrícola está cada vez mais dependente de insumos industriais e ficou a mercê da utilização de crédito para financiar a produção. E esses créditos permitiram financiar a ofensiva desse modo de produção da "agricultura industrial"e suas empresas produtoras de insumos. Ou seja, os bancos financiaram a implantação e o domínio da agricultura industrial em todo mundo.

e) E por último, na maioria dos países, os governos abandonaram as políticas publicas de proteção do mercado agrícola nacional e da economia camponesa. Liberalizaram os mercados e aplicaram políticas neoliberais de subsídios justamente para a

grande produção agrícola capitalista. Esses subsídios governamentais foram praticados principalmente através de isenções fiscais, nas exportações ou importações e na aplicação de taxas de juros favoráveis a agricultura capitalista. Dessa lógica de domínio do capital financeiro sobre a produção agrícola, tivemos como resultado que em duas décadas, há agora aproximadamente 50 maiores empresas transnacionais que controlam a maior parte da produção e comercio agrícola mundial.

A CRISE RECENTE DO CAPITAL FINANCEIRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A AGRICULTURA E OS BENS DA NATUREZA

Durante os anos 1990-2008, teve-se a ofensiva do capital financeiro sobre a agricultura, e nos últimos anos, se agravou com uma situação conjuntural de crise do capital financeiro, nos Estados Unidos e na Europa. Essa crise do capital financeiro está agravando ainda mais os efeitos do controle do capital internacional sobre as economias periféricas, sobre a agricultura e a economia camponesa. Isso vem acontecendo por diversas razões.

a) Os grandes grupos econômicos do hemisfério norte, diante da crise, das baixas taxas de juros por lá praticadas (ao redor de 0,2% ao ano), da instabilidade do dólar e de suas moedas, fugiram do hemisfério norte e correram para a periferia, buscando proteger seus capitais voláteis e aplicaram então, em ativos fixos, como: terra,minérios,matérias primas agrícolas, água,territórios com elevada biodiversidade, investimentos produtivos e produção agrícola. E também no controle de fontes de energias renováveis, seja hidrelétricas, ou usinas de etanol.

b) A crise do preço petróleo e suas conseqüências sobre o aquecimento global e o meio ambiente, levou a que o complexo automobilístico-petroleiro passasse a investir grandes somas de capital na produção de agro-combustíveis. Sobretudo na produção de cana e milho para etanol e soja, amendoim, mamona e palma de dendê (palma africana) para óleo vegetal. Isso produziu uma verdadeira ofensiva do capital financeiro e das empresas transnacionais sobre a agricultura tropical do sul.

c) O terceiro movimento resultante da crise conjuntural é que esses capitais financeiros se dirigiram às bolsas de mercadorias agrícolas e de minérios, para aplicar seus ativos e assim especular no mercado futuro ou simplesmente transformar o dinheiro em mercadorias do futuro. Esse movimento gerou uma elevação exagerada nos preços dos produtos agrícolas negociados pelas empresas nas bolsas mundiais de mercadorias. Os preços médios dos produtos agrícolas a nível internacional já não tem mais relação com o custo médio de produção e o valor real medido pelo tempo de trabalho socialmente necessário. Mas são resultado dos movimentos especulativos e do controle de oligopólio dos mercados agrícolas por essas grandes empresas.

A SITUAÇÃO ATUAL DO CONTROLE DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS E DO CAPITAL FINANCEIRO SOBRE A AGRICULTURA

Há muitos aspectos que se poderia analisar sobre a situação e consequência da ação das empresas sobre a agricultura. Aqui, vamos analisar apenas os aspectos econômicos.

a) Houve uma concentração do controle da produção e do comercio mundial de produtos agrícolas, por parte de poucas empresas, que dominam esses produtos em todo mundo, em especial os produtos agrícolas padronizáveis, como grãos, lacticínios. E dominam toda cadeia produtiva dos insumos e máquinas utilizadas pela agricultura.

b) Houve um processo acelerado de centralização do capital. Ou seja, uma mesma empresa passou a controlar a produção e comércio de um conjunto de produtos e setores da economia. Como a fabricação de insumos agrícolas (fertilizantes químicos, venenos, agrotóxicos) maquinaria agrícola, fármacos, sementes transgênicas e uma infinidade de

produtos oriundos da agroindústria, seja alimentícia, seja de cosméticos e produtos supérfluos.

c)Há uma simbiose cada vez maior dentro de uma mesma empresa, entre o capital industrial, comercial e o capital financeiro.

d)Há um controle quase absoluto sobre os preços dos produtos agrícolas e dos insumos agrícolas, a nível mundial. Embora os preços deveriam ter sua base, no valor real (tempo de trabalho médio necessário) o controle oligopolico dos produtos faz com que se pratiquem preços acima do valor, e assim as empresas obtém lucros extraordinários. Assim como levam a falência os pequenos e médios que não conseguem produzir nos mesmos níveis de escala que as empresas internacionais controlam.

d)Há uma hegemonia das empresas sobre o conhecimento cientifico, a pesquisa (que exige cada vez maiores volumes de recursos) e sobre as tecnologias aplicadas a agricultura, que impõe, em todo mundo um modelo tecnológico da chamada "agricultura industrial", dependente de insumos produzidos fora da agricultura. Esse modelo é apresentado como se a única, a melhor e mais barata forma de produzir na agricultura. Ignorando as técnicas milenares do saber popular e da agroecologia.

Essa hegemonia das empresas é decorrentes da ausência dos estados no investimento em pesquisa agropecuária. Ao longo do século XX, muitos estados nacionais investiam recursos públicos na pesquisa agropecuária, cujos resultados obtidos eram democratizados e acessíveis a todos agricultores daquele país. Agora o conhecimento e a pesquisa foram privatizados e seus resultados usados como mercadoria para obter maiores taxas de lucro. E na maioria dos casos inclusive, as empresas cobram royalties dos agricultores, pelo uso de novas tecnologias, que estão embutidos nos elevados preços das sementes com modificações genéticas ou nos elevados preços das maquinas agrícolas e agrotóxicos colocados no mercado.

f) Houve uma imposição da propriedade privada das empresas sobre os bens da natureza,em especial sobre as sementes modificadas geneticamente, e agora mais recentemente sobre as fontes de água potável para a população e reservatórios para energia ou irrigação. Também há uma ofensiva na tentativa de privatizar territórios no hemisfério sul que detêm riqueza da biodiversidade vegetal e animal.

g) Houve uma exagerada concentração da produção dos produtos agrícolas, em especial os destinados ao mercado externo, por um numero cada vez menor de grandes proprietários de terra aliados ás empresas. O caso do Brasil é ilustrativo, cerca de 10% de todos estabelecimentos agrícolas do país, controlam 80% do valor da produção.

h) Está em curso uma perigosa padronização dos alimentos humanos e animais em todo mundo. A humanidade está sendo induzida a alimentar-se cada vez mais com verdadeiras "rações" padronizadas pelas empresas. A comida se transformou numa mera mercadoria, que precisa ser consumida de forma massiva e rapidamente. Isso traz conseqüências incalculáveis com a destruição dos hábitos alimentares locais, da cultura, e riscos para a saúde humana e dos animais.

i) Há um processo generalizado em todo mundo, da perca da soberania dos povos e dos paises sobre os alimentos e o processo produtivo, pela desnacionalização da propriedade das terras, das empresas, das agroindústrias e do comércio, da tecnologia, colocando em risco a soberania nacional como um todo. Já existem mais de 70 países, que não conseguem mais produzir o que seus povos precisam para se alimentar.

j) Implantaram-se grandes extensões de cultivos de arvores homogêneas em plantações industriais de eucalipto, pínus e palma-africana, etc destinados a produção de celulose, madeira ou agroenergia, que estão afetando gravemente o meio ambiente pela destruição total da biodiversidade e alterando o lençol freático de água subterrânea.

k) Construiu-se uma aliança maquiavélica nos países do sul, entre os interesses dos grandes proprietários de terra, latifundiários e fazendeiros capitalistas crioulos, com as empresas transnacionais. Essa aliança está impondo o modo de agricultura industrial em todo hemisfério sul, de forma muito rápida e concentrando a propriedade da terra de forma assombrosa. Está destruindo e inviabilizando a agricultura camponesa e despovoando o interior de nossos países. Nesse modo de agricultura se usa mecanização intensiva, e agrotóxicos, que expulsam mão-de-obra, provocando a migração de grandes contingentes da população rural.

l) Está em curso uma nova re-divisão internacional da produção e do trabalho, que condena a maior parte dos paises do hemisfério sul, a serem meros exportadores de matérias primas agrícolas e minerais.

m) A maior parte dos governos, embora eleitos em processos eleitorais tidos como democráticos, são na verdade conduzidos pela força da lógica do capital e por todo tipo de manipulação mediática, que resultam em governos servis a esses interesses. Suas políticas agrícolas tem sido, totalmente subalternas aos interesses das empresas transnacionais. Abandonaram o controle do estado sobre a agricultura e os alimentos. Abandonaram políticas públicas de apoio aos camponeses. Abandonaram políticas públicas de soberania alimentar e de preservação do meio ambiente local.

O MODELO DO CAPITAL PARA A AGRICULTURA: O AGRONEGÓCIO

Em resumo pode-se dizer que o capital e seus proprietários-capitalistas, representados pelos grandes proprietários de terra, bancos e empresas nacionais e transnacionais, estão aplicando em todo mundo, o chamado modelo de produção do agronegócio (agribusiness) que se caracteriza sucintamente, por: organizar a produção agrícola na forma de monocultivo (um só produto) em escalas de áreas cada vez maiores. Uso intensivo de máquinas agrícolas, em escala cada vez maiores, expulsando a mão-de-obra do campo. A prática de uma agricultura sem agricultores. Uso intensivo de venenos agrícolas, os agrotóxicos, que destroem a fertilidade natural dos solos e seus micro-organismos, contaminam as águas no lençol freático e inclusive a atmosfera ao adotarem os desfolhantes e secantes que evaporam para a atmosfera e regressam com as chuvas. E sobretudo contaminam os alimentos produzidos, trazendo conseqüências gravíssimas para a saúde da população. Usam cada vez mais sementes transgênicas, padronizadas, e agridem o meio ambiente com suas técnicas de produção que buscam apenas a maior taxa de lucro, em menor tempo.

Esse modelo de produção que busca a produção de dólares e commodites e não de alimentos, passa a dominar e utilizar cada vez mais terras férteis para produção também de agro-combustiveis para "alimentar" os tanques dos automóveis do transporte individual, e a plantação industrial de arvores homogêneas para celulose (destinada a embalagens da indústria) e energia na forma de carvão vegetal.

AS CONTRADIÇÕES DO CONTROLE DO CAPITAL SOBRE A AGRICULTURA, EM ESPECIAL NO HEMISFÉRIO SUL.

A descrição do poder econômico sobre a agricultura, a natureza e os produtos agrícolas assusta a todos! E pode levar a um pessimismo sobre a possibilidade de reverter tal situação, tamanha a força que o capital internacional e financeiro exerce sobre eles.

No entanto, todos esses processos econômicos e sociais trazem consigo contradições. E são essas contradições que geram revoltas, indignação, efeitos contrários que irão levar à sua superação a médio prazo. Destaca-se aqui, algumas dessas contradições do domínio do

capital sobre a agricultura e da natureza, para que se possa entendê-las, e atuar sobre elas, para provocar as mudanças necessárias.

a) **O modelo de produção da agricultura industrial** é totalmente dependente de insumos, como fertilizantes químicos e derivados do petróleo, que tem limites físicos naturais, de escassez de reservas mundiais de petróleo, potássio, calcário e fósforo. Por tanto, tem sua expansão limitada a médio prazo. E tem seus custos/preços acima do valor real.

b) **O controle oligopólico por algumas empresas sobre os alimentos tem gerado preços acima do seu valor**, e isso provocará fome e revolta da população impedida do seu acesso, por falta de renda. Ou seja, condicionar o alimento simplesmente às taxas de lucro, trará a curto prazo graves problemas sociais. Já que a população mais pobre e faminta não terá renda suficiente para transformar-se em consumidores dos alimentos transformados em meras mercadorias. A FAO (organismo das nações unidas para agricultura e alimentação) revelou que mais de um bilhão de seres humanos passam fome todos os dias. Pela primeira vez na historia da humanidade atingimos tal magnitude de famintos. No entanto a produção de alimentos cresce sistematicamente.

c)**O capital internacional está controlando e privatizando a propriedade dos recursos naturais**, representados pela terra, água, florestas e biodiversidade. E isso afeta a soberania nacional do país, e vai provocar a reação de amplos setores sociais contrários, não apenas dos camponeses.

d)**A agricultura industrial se baseia na necessidade de uso cada vez maior de agrotóxicos**, como forma de poupar mão-de-obra e de produzir em monocultivo de larga escala. Isso produz alimentos cada vez mais contaminados, que afetam a saúde da população. E as populações da cidade, que tem mais acesso a informação certamente reagirão. (As classes ricas já estão se protegendo e nas redes de grandes supermercados aumenta cada vez mais o consumo de produtos alimentícios produzidos de forma orgânica.)

e) **O modo de produzir em grande escala expulsa a mão-de-obra do meio rural**, e faz com que aumente as populações de periferias das grandes cidades. Essas populações não tem alternativa de emprego e renda. E isso gera uma contradição com aumento da desigualdade social e do êxodo rural em todos os países do mundo.

f)**As empresas estão ampliando a agricultura baseada nas sementes transgênicas.** Mas ao mesmo tempo, aumentam as denúncias e ficam mais visíveis as conseqüências das sementes transgênicas sobre a destruição da biodiversidade, sobre o clima e nos riscos para a saúde humana e dos animais. E estão aparecendo cada vez mais as reações da natureza a essa homogenização da vida vegetal. Já que as sementes transgênicas contaminam as demais e não podem conviver com outras espécies semelhantes. Por outro lado, surgem novas enfermidades e plantas que resistem aos venenos usados combinados com as sementes transgênicas.

h)**A agricultura industrial, de monocultivo, destrói sistematicamente toda biodiversidade.** E a destruição da biodiversidade altera o regime de chuvas, o clima e contribui para o aquecimento global. Essa contradição é insustentável e as populações da cidade, começarão a dar-se conta e exigir mudanças.

i)**A privatização da propriedade das águas seja dos rios** e lagos, ou do lençol freático aumentará o preço e restringirá o consumo para as populações de baixa renda e trará graves conseqüências sociais. Em diversos países do continente americano, as três maiores empresas do setor: Nestlé, Coca-cola e Pepsi-cola já detem o controle da maior parte do mercado de água potável vendida em garrafas.

j)O **aumento da compra de terras pelas empresas estrangeiras** e sua desnacionalização de forma incontrolável traz contradições na soberania política dos países.

k)A **ampliação e uso da agricultura industrial para produção de agro-combustíveis**, amplia ainda mais o monocultivo, o uso de fertilizantes de origem petroleira e não resolvem o problema do aquecimento global e da emissão de gás carbônico. A causa principal desse problema é o crescimento do uso do transporte individual nas grandes cidades, estimulado pela ganância das empresas automobilísticas. Portanto, o fomento da agricultura de agro-combustíveis não resolverá o problema, apenas agravará, pelos efeitos perversos na destruição da biodiversidade.

l)O **projeto de redivisão internacional do trabalho e da produção transforma muitos países do hemisfério sul, em meros exportadores de matérias primas**, inviabiliza projetos de desenvolvimento nacional, que possam garantir emprego e distribuição de renda para suas populações. Isso vai gerar concentração de renda, desemprego e migração para os paises do hemisfério norte.

m) **As empresas do agro, aliadas com o capital financeiro estão avançando também para a concentração e centralização nas redes de distribuição de supermercados**, com o oligopólio mundial das redes Wal-Mart, Carrefour, etc. Esse processo vai destruir milhares de pequenos armazéns e comerciantes locais, gerando conseqüências sociais incalculáveis.

n)**A agricultura industrial precisa utilizar cada vez mais hormônios e remédios industriais** para a produção em massa de animais para abate, em menor tempo, como aves, gado e suínos. E isso está trazendo conseqüências na saúde da população consumidora.

o) **Os grandes proprietários de terra não controlam mais o processo de produção e as margens de lucro.** Eles estão reféns das empresas que controlam a produção e o comercio. Por isso a maior parte do lucro fica com as empresas na esfera do comercio. Para compensar essa divisão de sua taxa de lucro, os capitalistas do agro aumentam a exploração dos trabalhadores assalariados, impõem o trabalho sazonal, temporário, com emprego apenas alguns meses por ano. E em diversos paises tem ressurgido formas de trabalho análogas ao trabalho escravo,de ou de super-exploração, em que os salários não são suficientes para sua reprodução humana e ficam sempre devendo aos "patrões"! Aumentam também a exploração do trabalho feminino e infantil, sobretudo nos períodos de colheita de produtos que exigem muita mão-de-obra, estimulando a migração de trabalhadores temporários, sem lhes garantir nenhum direito social.

p)**No modelo de dominação do capital sobre a agricultura não há alternativas de emprego e renda para a juventude.** E isso é uma enorme contradição, pois se um setor produtivo não contar com a juventude, não terá futuro.

q)**Imensas regiões do interior dos países estão ficando desabitadas**, como se a única forma de sobrevivência humana fosse a aglomeração da população nas grandes cidades. E lá, em tamanha concentração demográfica as condições de vida pioram cada vez mais. Se pratica uma agricultura sem gente! O exemplo mais ilustrativo dessa contradição, é que hoje nos Estados Unidos a população carcerária é maior do que a população que vive no meio rural.

**O texto não está na integra, falta os dois últimos tópicos: "um novo programa camponês para agricultura" e "desafios políticos e organizativos dos movimentos camponeses na América Latina."*

No que exatamente a universidade contribui com o capital e com a reprodução da ordem vigente, e o que devemos fazer para sairmos da defensiva e de fato conseguirmos acumular forças para o projeto da universidade popular.

Antônio David

1- Dizer que a universidade está a serviço dos interesses das elites já é lugar comum no movimento estudantil e nos sindicatos. No entanto, é raro encontrarmos uma caracterização da universidade que aponte em que *exatamente* a universidade contribui com o capital. (Entenda-se "contribuir com o capital" num sentido amplo: não apenas com as empresas, mas na reprodução da ordem vigente). Existe uma carência muito grande de formulação sobre isso, o que é preocupante. Talvez seja um sinal de que a nossa ação política esteja demasiadamente voltada pra luta corporativa, em detrimento da luta pela transformação da sociedade.

2- No que, *exatamente*, a universidade contribui com o capital? Em quatro pontos: em primeiro lugar, a universidade forma não apenas "profissionais liberais", mas sobretudo mão de obra qualificada e operadores para o Estado e para o capital – juízes, economistas, administradores, engenheiros, técnicos em diversas áreas do conhecimento, professores na educação básica, altos executivos etc.; em segundo lugar, a universidade fornece tecnologia, informações e processos para o capital, do qual o capital se apropria para alimentar a sua força produtiva, direta ou indiretamente; em terceiro lugar, a universidade produz e alimenta ideologias (não no sentido da ideologia do partido A ou do partido B, deste ou daquele movimento, mas no sentido do mascaramento da realidade e dos conflitos existentes na realidade com o propósito de apresentar uma suposta realidade sem conflitos, sem luta de classes – uma falsa realidade), da qual o capital se serve organizar a dominação ideológica na sociedade; em quarto lugar, a universidade é, ela própria, fonte de exploração econômica e lucros, ou um "nicho de mercado" (ou seja, o capitalista pode investir seu capital numa faculdade tanto quanto numa fábrica de sapatos). Estes quatro pontos constituem a espinha dorsal da universidade, no sentido de que é ai que a universidade é estratégica para o capital. (Cada um deles pode *e deve* ser desenvolvido).

3- É lógico que todos nós sabemos destes quatro aspectos. No movimento estudantil, não há grande polêmica em torno dessa constatação. Em verdade, estes pontos são uma obviedade pra nós. Por isso, pode soar arrogante a afirmação de que eles estão ausentes de nossas formulações e de que estão ausentes de nossa ação política. Mas, curiosamente, é isso que tem ocorrido. Temos sido consumidos por uma agenda política centrada, sobretudo, em reivindicações corporativas (mais salas de aula, mais professores, mais assistência estudantil, mais democracia etc.), que são importantes, mas que não podem monopolizar a nossa atuação. Além disso, quando dizemos que estamos sendo "consumidos" por essa agenda, estamos dizendo também que estamos tendo dificuldade de associar as lutas corporativas com a transformação da sociedade. O que tem ocorrido é que as lutas corporativas têm ficado presas nelas mesmas.

4- Vamos examinar um exemplo concreto: a luta por eleições diretas para reitor. Por diversas vezes essa pauta se colocou diante de nós. Em todas as ocasiões, essa luta não conseguiu assumir um sentido que não fosse corporativo: afirmamos que a eleição tal como ocorre hoje é antidemocrática, que os estudantes e trabalhadores não têm peso algum na votação, que quem decide é uma minoria etc. Essa é uma abordagem possível. Mas, se nos preocuparmos em situar a luta por eleições diretas para reitor numa leitura global da universidade, cujo aspecto central é o papel da universidade na luta de classes, a abordagem será outra. Caracterizaremos a eleição para reitor tal como ocorre hoje não apenas como um método de eleição "antidemocrático" em que "não há participação", mas um método que garante aos donos do poder que o futuro reitor seja alguém vinculado aos

interesses do capital; e, em paralelo, caracterizaremos a eleição direta para reitor (que é o que reivindicamos) não apenas como justa porque ela é "mais democrática", mas porque é a eleição direita para reitor que possibilita que o futuro reitor seja alguém comprometido com um projeto de universidade voltado para a transformação da realidade, para as necessidades da grande maioria da população. Note-se então que o problema não está na pauta em si mesma, mas no modo como a abordamos. Na segunda abordagem, não se perde de vista o central: *em que sentido a eleição para reitor faz diferença na luta de classes.*

5- O exemplo pode ser estendido a qualquer luta pontual e específica. Qualquer que seja o exemplo, quando organizamos uma luta, por mais pontual e corporativa que seja (desde a reivindicação de algo até a luta contra uma medida do governo), nós necessariamente damos um sentido para a luta. O ponto é que nós estamos encontrando dificuldade de situar ou contextualizar as lutas pontuais e corporativas na luta de classes. O resultado é que, não assumindo um sentido global, as lutas acabam assumindo um sentido corporativo. No exemplo da eleição para reitor, não se consegue ir além de "queremos democracia para a nossa participação". Ora, quando isso acontece, na prática o que estamos fazendo é uma abstração da realidade, como se na realidade não houvesse luta de classes: no exemplo da eleição para reitor, é como se a eleição não tivesse nada a ver com a luta de classes, quando na verdade é a luta de classes o conflito fundamental que está em jogo ai. Ora, se quisermos de fato contribuir para transformar a sociedade, devemos ser capazes de situar os conflitos nos quais estamos envolvidos, por mais pontuais que sejam, na luta de classes, de uma maneira que os estudantes entendam essa relação e que este seja o sentido da luta pra eles.

6- A luta corporativa pode levar também ao conservadorismo. Esse é um risco real, e muitas vezes nós caímos nessa armadilha sem percebermos. Um exemplo do conservadorismo é a abordagem, recorrente nas nossas reivindicações, da "qualidade". Uma causa sem dúvida justa, mas que facilmente pode assumir um viés conservador – não apenas na sua simbologia, mas na prática. Reivindicamos um ensino de qualidade, infra-estrutura de qualidade etc., e lutamos por isso. E essa luta rende frutos: professores são contratados, laboratórios são montados etc. No entanto, é necessário questionar: esses frutos colocam-se a serviço de que interesses? Não pode ocorrer de lutarmos por algo que, uma vez conquistado, vá beneficiar apenas os interesses das elites? Não raras vezes, é isso o que ocorre. E ocorre justamente porque, no processo da luta, perdemos de vista o que é *central*: "qualidade" *em prol de que interesses*? Se menosprezamos isso, se o foco de nossa luta é a "qualidade" incondicionalmente, a "qualidade" pela "qualidade", acabamos mais uma vez caindo numa abstração. Porque "qualidade", em abstrato, não existe. O que existe na realidade concreta é um conflito de interesses, e, ao contrário do que os donos do poder na universidade afirmam, a universidade nem sempre atende "à sociedade" como um todo – aliás, raramente atende "à sociedade". Na maioria das vezes a universidade atende ao interesses de uma minoria que já é privilegiada, e com isso contribui com o sistema opressor e explorador vigente em nossa sociedade. No entanto, nós reivindicamos "qualidade" como se pudesse existir uma "qualidade" em abstrato. Daí, para fazermos o papel de linha auxiliar dos interesses mais atrasados que existem em nosso país, é um passo.

7- Outro exemplo de conservadorismo é na abordagem da expansão de vagas. Diante da política de expansão demagógica (na medida em que não vem acompanhada das condições para o estudo) acabamos nos colocando contra a expansão, no combate à expansão. Se não é nosso papel defender com unhas e dentes essa política de expansão, tampouco é nosso papel combater a expansão, mesmo que em condições precárias. É nosso papel aproveitar essa situação gerada pela expansão e organizar os estudantes para lutar por condições adequadas. Portanto, colocar-se contra a expansão é um erro tático, que nos coloca numa posição conservadora, em que alimentamos a ordem social vigente, elitista, sem sequer nos

darmos conta disso. Isso tudo ocorre por que? Porque estamos sendo incapazes de situar as pautas concretas e pontuais que enfrentamos no nosso cotidiano numa leitura global da universidade e seu papel na sociedade de classes.

8- Mesmo que consigamos escapar da armadilha do corporativismo e do conservadorismo, organizando as lutas corporativas de uma maneira adequada, só isso não basta para que nossa intervenção contribua para transformar a universidade e a sociedade. Por mais que consigamos situar as demandas corporativas dos estudantes na luta de classes, evidenciando a relação entre uma e outra, o fato é que só fazer lutas corporativas não é suficiente. Ao lado das lutas corporativas, é necessário que consigamos organizar e igualmente priorizar a *luta ideológica*. No que consiste e qual é o papel da luta ideológica? Embora geralmente vise também à obtenção de ganhos ou conquistas concretas, o centro da luta ideológica acaba sendo outro. O ganho mais importante, no caso, é influenciar mais pessoas, disputar seus valores, seus ideais, ganhá-la para um projeto de sociedade e para uma visão de mundo.

9- A luta ideológica consiste na denúncia das contradições mais evidentes da ordem social vigente, aquelas contradições que a direita não quer que sejam evidenciadas, não quer que sejam ditas, e que, quando exploradas, incomodam, e de tanto incomodar obrigam a direita a se colocar, a se expor, a "confessar" o seu atraso e a sua ignorância. Um caso recente e emblemático é a luta por cotas na universidade – que é, na verdade, uma combinação de luta corporativa com luta ideológica. Nos últimos anos essa luta ganhou corpo, e obrigou um senador do DEM a defender publicamente, numa audiência no STF, a idéia de que a escravidão "não foi tão ruim assim" (literalmente, nestes termos!). Essa luta, assim como a luta contra o elitismo, a mentira, a arbitrariedade, a homofobia, o machismo etc., são lutas ideológicas que cumprem um papel central.

10- Portanto, o papel da luta ideológica não é outro senão polemizar, incomodar a direita (coisa que a luta corporativa raramente faz), gerar um debate, dar visibilidade para contradições, obrigar a direita a tirar a máscara e mostrar a sua verdadeira face. Repare que as lutas corporativas raramente cumprem esse papel. Por mais que conquistemos ganhos organizando lutas corporativas, raramente conseguimos, através dessas lutas, gerar choque de idéias e obrigar a direita a confessar quem realmente é e o que realmente pensa. Ora, este escancaramento da realidade tal como ela é, sem mascaramentos, é fundamental tanto para a sensibilização e tomada de consciência das pessoas como para a massificação do movimento. Por isso, só avançaremos no sentido de massificar o movimento e fazer do movimento um sujeito real da transformação da universidade e da sociedade quando a luta ideológica for uma prioridade.

11- Por sua natureza, a universidade é um ambiente altamente favorável à luta ideológica. De um lado, porque, em sua maioria, os estudantes ainda não têm compromissos econômicos tão definidos, o que os torna mais abertos à disputa de consciência, e, de outro lado, pelo alto grau de conservadorismo presente na universidade. Aproveitamos pouco esse potencial. Se nos debruçarmos a examinar como anda a luta ideológica no movimento estudantil, infelizmente teremos que constatar que nós ainda a secundarizamos, e que concentramos quase toda a nossa energia na luta corporativa. E, nos raros momentos em que tomamos a iniciativa de organizar a luta ideológica, geralmente fazemos de qualquer jeito, sem organização, sem planejamento, isso quando não a fazemos de maneira caricatural (luta ideológica que não incomoda ninguém não é luta ideológica). É necessário superarmos essa lacuna em nossa práxis. A luta ideológica deve ser uma prioridade.

12- Nesse sentido, é importante termos claro que podemos perfeitamente explorar uma pauta menos pela justeza de seu mérito e mais pelo potencial que tem de gerar luta ideológica. Este é o caso das cotas, por exemplo. É uma pauta justa, mas, mais do que isso, é uma pauta polêmica. Há pouco tempo, quando essa pauta veio à tona na Universidade

Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os muros da universidade amanheceram pichados com mensagens profundamente racistas. Ora, a direita não faz isso diante de pautas corporativas.

13- Um outro exemplo de pauta que, além de justa no mérito, tem uma enorme carga ideológica é a luta pela criação de cursos Pronera na universidade (cursos especiais para trabalhadores rurais). Se é perfeitamente possível ficar indiferente a uma reivindicação como, por exemplo, mais bolsas moradia – geralmente é isso o que acontece: a maioria fica indiferente – é impossível ficar indiferente à proposta de abrir vagas para os sem terra na universidade. O Reitor, o Governo do Estado, a imprensa, as elites, em suma, a direita admitem mais bolsas, mas não admitem de jeito nenhum que "essa gentinha" (os sem terra) tenha acesso à universidade. Por isso é que, há alguns anos, após ter sido aprovado na Congregação da Faculdade de Educação da USP, a proposta de criação do curso *Pedagogia da Terra* foi barrada no Conselho Universitário.

14- Em suma, *mesmo que não tenhamos perspectiva real de ganho* com essas pautas, só o fato de gerar um debate na universidade e obrigar a direita a expor seus preconceitos, a tirar a máscara e confessar todo o seu atraso, já é suficiente para que uma pauta como essa seja priorizada.

15- Por fim, é necessário fazer duas advertências, para evitar que hiperdimensionemos a nossa capacidade e as nossas tarefas neste momento histórico, bem como o inverso, ou seja, que subdimensionamos a nossa capacidade e as nossas tarefas. A essência do projeto de universidade que defendemos pode ser obtida na antítese daquelas quatro funções da universidade na sociedade de classes. A universidade que defendemos é aquela que: forma profissionais comprometidos com o povo e com a transformação da realidade; desenvolve tecnologias, processos e informações que contribuam para transformar a realidade; desconstrói as ideologias e escancara a realidade tal como ela é, com todos os seus conflitos, sem mascaramentos; e, finalmente, a universidade que defendemos é a universidade pública, gratuita, de qualidade socialmente referenciada, laica e de amplo acesso. Ora, não é preciso examinar estes elementos a fundo para perceber duas coisas. De um lado, que a realização desse projeto de universidade depende de uma mudança na correlação de forças na sociedade, o que pressupõe um processo de lutas que ganhe toda a sociedade, em que o povo se levante e lute pelos seus direitos de forma organizada e coesa. De outro lado, é importante constatar que, mesmo sendo profundamente elitista, existem contradições nessa universidade que ai está, e que podemos explorar essas contradições em favor de nosso projeto. Poderíamos dar inúmeros exemplos disso. Basta lembrar que foi nessa universidade elitista que um Florestan Fernandes pôde formar-se, e foi nessa universidade que ele desenvolveu pesquisas e conhecimentos fundamentais para a transformação da realidade.

16- Portanto, podemos tirar aqui duas conclusões: em primeiro lugar, que a luta pela transformação da universidade, travada pelo movimento estudantil, só poderá ser ganha no interior de um processo de lutas maior, na sociedade; em segundo lugar, que, se não está colocada na ordem do dia a transformação da universidade na medida em que a correlação de forças na sociedade não nos ,é favorável hoje, ainda assim é possível e necessário explorar as contradições dessa universidade, ocupando todos os espaços em que houver abertura, e que isso não só faz avançar o nosso projeto de universidade, como contribui para alterar a correlação de forças na sociedade (ajudando a criar as condições de transformação da universidade e da sociedade).

17- Quem almeja transformar a realidade precisa ter claro que não basta vontade; é necessário ter força. E é preciso ter claro também que, se a força dos nossos inimigos está no dinheiro, na mídia, na polícia, a nossa força está no número de pessoas que conquistamos para o nosso projeto. A luta travada pelo movimento estudantil dentro da

universidade tem o enforme potencial de contribuir para a transformação da universidade e da sociedade (enganam-se, portanto, aqueles que vêem o movimento estudantil como apenas um "celeiro de quadros" para os partidos), mas a condição para isso é que o movimento seja capaz de, interferindo onde realmente importa, polarizar a universidade, e, polarizando a universidade, massificar o movimento, criando assim um ciclo virtuoso de intensificação das lutas (corporativas e ideológicas), do trabalho de base, da formação política-ideológica dos estudantes e da massificação do movimento.

Escaneado em 14 de agosto de 2018
por Mateus S. Figueiredo e
Gustavo A. Fichter Filho

CABio UFV Viçosa

GTP Arquivo Histórico - ENEBio

Se o presente é de luta,
o futuro a nós pertence.

Os poderosos podem matar
uma, duas ou três rosas,
mas jamais conseguirão deter
a chegada da primavera.